



## **Exclusão e Inclusão Digital: Os Movimentos Sociais Populares na Internet<sup>1</sup>**

**Catarina Tereza Farias de Oliveira<sup>2</sup>**  
Universidade Federal do Ceará - UFC  
Universidade Estadual do Ceará – UECE

### **RESUMO**

A pesquisa analisa o site: [www.bairroellery.com.br](http://www.bairroellery.com.br), organizado pelos moradores do Bairro Ellery em Fortaleza e reflete sobre o uso que os movimentos sociais populares fazem da internet. Entretanto, nesse artigo, a questão central pergunta sobre o perfil do site do Bairro Ellery no contexto em que os teóricos discutem a inserção dos movimentos sociais como expressões do século XXI na sociedade em rede. A investigação conclui que o movimento popular dessa comunidade usa a internet a partir de uma realidade específica que revela processos de desigualdade, decorrente da exclusão digital. Constatamos que o movimento popular precisa superar atuações mais locais e ganhar dimensões mais amplas com intercâmbios sociais e culturais em nível global, além de vencer os processos de exclusão digital para redimensionar o uso que faz dessa nova tecnologia como mídia popular.

**PALAVRAS-CHAVE:** Movimentos sociais; Exclusão Digital; Mídia Popular.

A abordagem da nossa pesquisa começou com a análise do site do Bairro Ellery ([www.bairroellery.com.br](http://www.bairroellery.com.br)) em 2006 e desde então vem refletindo várias questões acerca da utilização dessa mídia, desde o uso que os movimentos sociais populares fazem da rede, a utilização dessa mídia na elevação da auto-imagem dos moradores dos bairros de periferia até a importância do site como interlocutor com a mídia comercial para pautar esses meios massivos na produção de imagens positivas da comunidade. No entanto, nesse artigo, nossa questão central pergunta sobre o perfil do site do Bairro Ellery no contexto em que os teóricos discutem a inserção dos movimentos sociais como expressões significativas do século XXI na sociedade em rede. Afinal, como lideranças da periferia vivem o tema da exclusão/inclusão digital e usam a internet para organizar suas mobilizações?

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao NP- Comunicação para a Cidadania do VIII Nupecom – Encontro dos Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professora do PPG em Comunicação da Universidade Federal do Ceará e professora da Universidade Estadual do Ceará – [catarinateresa@uol.com.br](mailto:catarinateresa@uol.com.br)



Em primeiro lugar é importante ressaltar que essa mídia popular foi criada em 2006 por atores sociais do movimento popular desse bairro, localizado na zona Noroeste da periferia de Fortaleza. O Bairro Ellery se insere num contexto que tem uma trajetória de luta desde 1956, quando os moradores iniciaram sua organização comunitária. Na década de 80, os movimentos sociais urbanos em Fortaleza se apresentaram num contexto de emergência social. No Bairro Ellery, os moradores se mobilizaram pela construção da igreja e da sede da associação comunitária, gradativamente a associação dos moradores definiu um trabalho de articulação por moradia, creche, dentre outros direitos. A partir de então, o movimento popular passou a ter uma característica mais política.

No Bairro Ellery, a utilização de meios de comunicação popular faz parte da trajetória de lutas da comunidade. No dia 13 de agosto de 1991, foi montado o sistema de som, denominando de Rádio Comunitária do bairro. Anteriormente a comunidade já tinha vivido a experiência de editar o jornal comunitário, Garra Comunitária, que circulou de forma irregular na década de 80. Temos nessas duas experiências as primeiras estratégias de comunicação existentes no bairro. Em 1998, a radiadora transformou-se na *Rádio Mandacaru FM*. É importante ressaltar que essa emissora teve uma programação plural, na qual diversos seguimentos sociais e culturais apresentaram programas, que tinham duração de uma hora e se dividiam entre: *Hip Hop*, *Cultura de Rua*, *Vem cá Poeira*, *Vida de Mulher*, *Rock História*, *The Reggae Moving*, *a Volta da Jovem Guarda*, etc. (Oliveira, 2007) A *Rádio Mandacaru FM* representou uma proposta educativa que teve sua paralisação num contexto em que a comunicação é monopolizada por empresários e políticos. No entanto, sem concessão, a emissora foi fechada em 2003 pela Anatel. Esse acontecimento não impediu que o Bairro Ellery criasse outro meio de comunicação, dessa vez, o site ou sítio eletrônico, como preferem chamar: ([www.bairroellery.com.br](http://www.bairroellery.com.br)). Essa mídia eletrônica é a mais nova estratégia comunicativa articulada pelos moradores.

Criado em 2006, o site é um campo enriquecido com as mais diversas atrações e expressões do movimento popular do bairro e das atividades cotidianas vividas por muitos de seus habitantes. Consideramos importante destacar que essa mídia virtual apresenta informações sobre assuntos diversos como: história do bairro, entidades culturais e sociais do movimento popular, notícias locais e nacionais, fotografias, etc. Uma constatação relevante é uma coletividade no processo de criação do site. Essa coletividade não expressa a ação de todos os moradores do bairro, mas já é possível



perceber que o *site* não representa uma iniciativa individual. Dentre os colaboradores encontramos Agnaldo José, principal articulador do site, ex-morador, militante do movimento popular e do PC do B, Raul Campos, residente da comunidade, professor de história e participante do movimento Comunidade Reunida *Hip Hop*, Clarice Araújo, esposa de Raul, estudante de economia doméstica e participante da ONG feminista Centro Socorro Abreu, entidade que defende os direitos da mulher, Daniel Almeida, também morador e *webdesigner* que mantém tecnicamente o site e Tobias Marques Sampaio, aposentado e cronista. No *link* que apresenta a história do bairro encontramos informações densas como: a história do nome das ruas que foi levantada por Tobias Sampaio. Nesse mesmo *link*, detectamos uma catalogação de equipamentos, desde quantidade de praças, instituições religiosas até os estabelecimentos comerciais da comunidade. O espaço virtual possui uma agenda atualizada com informações sobre reuniões e assembléias que acontecem na comunidade, contendo sua programação mensal de acontecimentos mais relevantes. o site apresenta ainda as galerias de fotos dos eventos realizados no bairro: bloco de carnaval (Bloco Sai na Marra), quadrilhas juninas, mobilizações realizada durante a copa de 2006 etc. Com relação à interação com o receptor e com o bairro em si, essa mídia eletrônica é extremamente rica. Tem diversos mecanismos que permitem esse contato, como por exemplo: enquetes , oportunidade de criação de conta de *e-mail* e *Orkut*, como também a possibilidade de envio de comentários sobre os artigos e fotos. (Oliveira & Ferreira, 2007).

No primeiro momento da pesquisa, percebemos que o site contribui de forma fundamental para a construção de uma auto-estima de seus moradores.

Como podemos perceber, a diversidade de sujeitos tomada na apresentação do bairro valoriza um único elemento a apresentação positiva da comunidade. Desse modo, a auto-imagem vai sendo construída. Os elementos mais comuns são a cultura, a mobilização, o destaque pessoal dos moradores e a atuação coletiva das entidades mobilizadas existentes nessa comunidade. O destaque pessoal é uma novidade na trajetória dos movimentos sociais, entretanto, ele não aparece como um propósito individualista. Os sujeitos em suas trajetórias individuais são ressaltados para engrandecer a imagem da comunidade e o cenário social onde todos habitam. Sendo assim, a auto-imagem não é construída apenas com a valorização das ações coletivas. (Oliveira & Ferreira, 2007).

Nesse mesmo campo de reflexão, verificamos que ao realizar a construção da auto-imagem dos moradores do bairro Ellery, o site estabelece interlocuções com a mídia comercial, tendo o objetivo de pautar esses meios de comunicação e divulgar a



imagem positiva da comunidade. Neste caso, verificamos que a produção da mídia comunitária e popular não nega a produção da mídia comercial, mas procura estabelecer com esta uma interlocução, reconhecendo que a última tem uma difusão maior junto a seus moradores e, ao mesmo tempo, denunciando o papel da mídia comercial na construção de imagens negativas da periferia e dos excluídos. (Oliveira, 2008).

A Pesquisa sobre essa prática comunicativa tem então revelado a importância do site como mídia mobilizadora, educativa e propiciadora de uma intervenção na reelaboração da mídia comercial. No entanto, no atual momento da pesquisa passamos a verificar que a atuação do site existe numa dimensão diferenciada das experiências de web sites mais conhecidas ou citados por autores que refletem sobre o uso que os movimentos sociais fazem da rede. Dentre elas, teremos o exemplo dos Zapatistas. O veículo eletrônico desse grupo recebe, inclusive, apoio de grandes centros de comunicação global.

Percebemos que o caso do bairro Ellery se refere a uma práxis comunicativa de menor porte que não pode alcançar maiores proporções, no momento, por conta das limitações de exclusão digital vivenciadas por seus elaboradores. Nesse sentido, o artigo não questiona o valor de expansão e relevância do site do bairro Ellery, pois essa dimensão já foi comprovada. Queremos discutir apenas que uma maior expansão dessa prática comunicativa não pode ocorrer devido ao contexto de exclusão digital em que os produtores do site estão inseridos. Porém perguntamo-nos, ainda que outros fatores impedem a ampliação do site em intercâmbios com outros movimentos sociais populares locais, nacionais ou mundiais? A atuação do site como uma articulação mais local é apenas resultado da exclusão digital dos colaboradores ou é oriunda de outros fatores?

### **Exclusão Digital Para além da Estatística**

Em primeiro lugar, vamos definir o que vem sendo problematizado como exclusão digital, objetivando evidenciar que essa discussão, apesar de importante, norteia nossa pesquisa apenas a partir de um ângulo restrito a observação das lideranças e comunicadores populares que de forma direta ou indireta estão ligados ao site analisado e vivem de perto essa problemática. Colocamos essa questão como importante porque acreditamos que experiências como a dos Zapatistas precisam ou ter



conhecimento profundo de tecnologias ou receber apoios externos que propiciem seus avanços no uso da internet como mídia.

Nesse caso, nossa compreensão sobre exclusão/inclusão digital não pode ficar presa à análise estatística, pois essa não revela o processo de relação ou usos diferenciados da tecnologia. Na dimensão puramente estatística teremos apenas uma percepção superficial e numérica de quem usa ou não essa ferramenta, ficando de fora os diferentes modos de utilização. Como pano de fundo histórico para essa reflexão, podemos dizer que desde a invenção da impressão no século XVI, discute-se que a apropriação da cultura escrita não se deu de forma homogênea, essa ocorreu entre as contações de estórias através de leituras coletivas até a aproximação mais direta com a impressão dos primeiros calendários e livros (Davis, 1990). Do mesmo modo, a utilização da tecnologia e difusão de uma cultura digital ocorre de diferentes formas, as quais o plano estatístico apenas quantitativo não dará conta. Bernardo Sorj (2003.) situa a discussão nessa direção quando relaciona as reflexões sobre exclusão/inclusão digital a partir *das* “conseqüências sociais, econômicas e culturais da distribuição desigual no acesso a computadores e internet”. Do ponto de vista desse autor, a introdução da internet e do computador como novas tecnologias tem aumentado a exclusão e a desigualdade social. Para Sorj (2003), os ricos são os primeiros a usufruir os novos produtos tecnológicos e essa realidade aumenta a pobreza e a exclusão digital. A partir dessa realidade concordamos com Sorj (2003,) quando esse autor afirma que discutir a exclusão digital não se trata apenas de medir em nível generalizado de estatísticas de usuários de computadores e conexão da internet por domicílio. Essas pesquisas perdem de vista o modo como as classes populares geralmente têm acesso a essa tecnologia em portais coletivos ou Lan Houses. Uma medida por domicílios segundo Sorj (2003), além de deixar de fora a compreensão da qualidade de acesso, desconhece a realidades em que os usuários se relacionam com o computador fora do lar ou em relações informais ou coletivas como o uso: nas escolas, no trabalho, nos vizinhos, através de amigos ou parentes, nas Lan Houses, portais coletivos, nos espaços do movimento popular.

O contexto do bairro Ellery em Fortaleza, lócus dessa pesquisa, corresponde necessariamente, em grande parte a uma população de baixa renda e refletirá uma realidade de desigualdade social. A questão é que manter um conjunto de ferramentas que dá acesso ao computador e a internet na periferia de Fortaleza requer não somente a compra do computador, como também, a um custo de acesso a internet discada ou por



banda larga. Custo este que fica em torno de 100 ou 200 reais, levando-se em consideração que nessa cidade o acesso à telefonia e a internet é monopolizado, na sua grande maioria, pela empresa OI, que controla a maioria das linhas telefônicas e a Velox, sistema de banda larga mais usado na cidade. Portanto, para se ter acesso à internet através da Velox é necessário se manter uma linha de telefone fixo, estipulada, hoje, em seu menor valor, aproximadamente 50 reais. Como o acesso à internet através do sistema de tecnologia Velox custa no mínimo 60 reais e o provedor de acesso aproximadamente 30 reais, chegamos ao valor total de 140 reais. Tudo isso calculada na menor proposição de custo. No entanto, o acesso à internet no bairro não correrá em nível domiciliar apenas. O bairro possui em torno de 20 Lan Houses que propiciam o uso dessa tecnologia, principalmente aos jovens e crianças.

Sorj (2003) chega a criticar as pesquisas que buscam aprofundamentos sobre a exclusão digital que se pautam em pequenas realidades. Nesse sentido, ele propõe pensar em termos quantitativo/qualitativo a diversidade de usos individual e coletivo da internet, procurando aprofundar esse tema em nível dos diferentes usos pelas classes populares. Concordamos com essa crítica, porém nosso estudo de uma pequena realidade não implica em aprofundar um diagnóstico do nível de exclusão digital no contexto de Fortaleza ou mesmo do Bairro Ellery. Nossa intenção é compreender em que contexto, específico de sua realidade, algumas pessoas criaram um site como mídia popular e qual o cenário em que lideranças comunitárias ativas na organização daquela área, antes protagonistas da experiência de rádio comunitária Mandacaru FM, hoje, são essencialmente receptores do site eletrônico, nova mídia popular dessa região. A questão é será que isso ocorre, apenas por desconhecerem ou conhecerem pouco sobre a instrumentalização e o campo de domínio da internet e do computador.

Desse modo, num primeiro momento, afirmamos que por conta de um certo nível de exclusão digital o site ([www.bairroellery.com.br](http://www.bairroellery.com.br)) funcionará como mídia de um movimento mais localizado e centralizado numa comunidade, estendendo-se, de certa forma, à cidade de Fortaleza, sem apresentar muitas convergências com outras mídias ou intercâmbios com outras esferas sociais em rede. Essa característica mais local do site do bairro Ellery não aproxima sua experiência on line de práticas mais globais como as descritas por Castels (1999,2003) e Downing (2003), quando esses autores falam do uso que movimentos sociais do século XXI fazem da internet na sociedade em rede. A princípio, nos parece que nossa realidade de exclusão digital dá a esse caso um trajeto peculiar que nos parece comum ao uso que movimentos sociais



populares oriundos de realidades da periferia possam vir a ter inicialmente da internet. Apresentaremos a seguir a discussão que Castels (2003) tece em torno uso que os movimentos sociais fazem da rede.

### **Movimentos Sociais Populares do Século XXI na Rede.**

Antes de analisarmos como os organizadores e principais simpatizantes do site do bairro Ellery vivenciam a exclusão/inclusão digital, cremos que é importante destacar que essa experiência tem suas especificidades diante do contexto maior da sociedade em rede que vem sendo discutida mais efetivamente por Castels (1999; 2003). Em primeiro lugar, é interessante destacar que ao acompanharmos as reflexões sobre o uso feito pelos movimentos sociais populares fazem da Internet, observamos que as discussões estão sendo realizadas a partir de realidades diversas do contexto vivido no bairro Ellery e do cenário de relações dos movimentos sociais populares do Brasil. Castels (1999; 2003) propõe a análise a partir de realidades nas quais a tecnologia aparece em contextos de maior inserção ou apoios aos usuários e sujeitos mobilizados. Nesse caso, as experiências descritas pelos teóricos trazem essencialmente a apresentação de práticas que representam a convergência em redes independentes com múltiplos apoios e adesões mundiais. Como no caso dos Zapatistas que tiveram o apoio do Institute for Global Communication. (Downing, 2002; Castels, 1999). Tal exemplo parece refletir tanto um nível maior de relação e domínio com a tecnologia quanto um processo de compreensão de intercâmbios e pontes de apoio pelos colaboradores em rede.

Castels (2003), ao analisar o uso que os movimentos sociais fazem da rede, se refere essencialmente a atividades interativas populares às quais ele chama de “Movimentos Sociais do Século XXI”. Segundo esse autor, esses movimentos usam a rede como mídia comunicativa para ampliar suas mobilização em nível mundial. Percebemos aí a considerável consciência desses movimentos acerca das proporções a ser alcançadas através desse recurso, bem como a difusão mundial que a internet pode propiciar ao processo de interação das manifestações sociais. Utilizaremos a citação direta abaixo para deixar claro a que tipo de mobilizações o autor recorre como exemplo concreto de movimentos sociais que usam a internet e os aparatos envolvidos nessas relações. Acreditamos que essa reflexão é importante para, posteriormente, deixar



evidente que, no caso do bairro Ellery, nosso objeto de estudo, existe uma diferença substancial da extensão e do significado do uso da internet nesse movimento.

Em meados da década de 1990, o movimento Zapatista em Chiapas, no México arrebatou a imaginação popular pelo mundo todo ao congregar apoio para sua causa através de redes eletrônica de feixes e da internet – em conexão com o mundo da mídia e uma estrutura descentralizada de grupos de solidariedade. Como descrevi anteriormente (Castels, 1997), na origem dessa rede eletrônica de solidariedade estava La Neta, uma rede baseada na internet que organizava mulheres mexicanas, apoiadas pelo San Francisco Institut of Global Communication, uma ONG de técnicos socialmente responsáveis. Ao longo da década de 1990, no mundo todo, importantes movimentos sociais se organizaram com a ajuda da internet. Talvez o caso mais notório tenha sido/seja o Falun Gong, um movimento político espiritualista chinês com dezenas de milhões de partidários que ousou desafiar o poder do Partido Comunista. O líder do movimento, Li Hongzhi, embora morasse em Nova York, mantinha-se em contato com uma rede nuclear de seus partidários via internet e era também pela internet que milhares de resolutos membros do Folum Gong encontravam o apoio espiritual e a informação que lhes permitiam convergir pessoalmente num dado lugar e hora numa série de protestos bem organizados que enfrentavam ser a repressão por causa da preocupação do governo com a influência política desse movimento. (2003, p. 115).

Castels (2003) afirma que a internet se ajusta às características básicas do tipo de movimento social que está surgindo na era da informação, contudo ressalta também que muitas mobilizações da era tradicional podem redefinir sua posição e formas de ação. Em seu pensamento, a internet tornou-se um componente indispensável do tipo de movimento social que está emergindo na sociedade em rede. (Castels, 2003, p. 116).

Castels (2003) apresenta essa natureza de convergência mundial e global destacando três razões que caracterizariam a atuação dos movimentos sociais na sociedade em rede. Primeiro defende que essa característica é típica do terreno global no qual as mobilizações disputam suas conquistas, buscando maior visibilidade e apoios.

Eles precisam da legitimidade e do apoio fornecido por seu embasamento em grupos locais, mas não podem permanecer localizados, ou perderiam sua capacidade de agir sobre fontes reais de poder em nosso mundo, invertendo o conhecido mote de 25 anos atrás, os movimentos sociais devem pensar localmente respondendo a seus próprios interesses e identidade) e agir globalmente – no nível em que realmente importa hoje. (Castels, 2003, p. 118).

Segundo Castels (2003), outra característica dos movimentos da sociedade em rede é que, muitas vezes, se desencadeiam a partir de eventos ou crises. São



mobilizações mais frouxas e espontâneas. De acordo com Castels (2003, p. 117), *esses movimentos “substituem as organizações formais estruturadas e permanentes. A esse tipo de organização que reúne diversos grupos articulados através do fluxo da rede mundial”*.

A última característica dos movimentos sociais do século XXI apresentada por Castels (2003) estará mais próxima das articulações vivenciadas na periferia do Brasil. Ela não fala apenas em articulação global e, por isso, não está presa apenas à expansão de convergência e integração que a rede pode proporcionar aos grupos. Embora a idéia de expansão mundial permaneça, o autor fala, nesse caso, que os movimentos sociais usam a rede para aderir a suas causas geralmente voltadas a temáticas sociais e culturais. Será com base nesse terceiro interesse que os movimentos sociais de periferia parecem usar a rede, porém ainda não concretizam grande convergência ou alcance nesse sentido, embora essas apareçam implícitas em seu processo de atuação.

É exatamente dentro dessa última característica que Castels (2003) situa a dimensão do que ele chama de movimentos sociais velhos e novos divididos entre movimentos operários e movimentos da Era industrial. A idéia explorada pelo autor é que os velhos movimentos redefinem suas posições e atuações para temas, bem como, e valores sociais e culturais alargados em torno de questões de justiça social no lugar de ficarem presos a questões referentes, eminentemente à luta de classe.

Nesse contexto, a comunicação de valores e a mobilização em torno de significados tornam-se fundamentais. Os movimentos culturais voltados para a defesa ou a proposta de modos específicos de vida e significados formam-se em torno de sistemas de comunicação – essencialmente a internet e a mídia – porque é principalmente através deles que conseguem alcançar aqueles capazes de aderir a seus valores e, a partir daí atingir a consciência da sociedade como todo. (Castels, 2003, p. 116).

Essa reflexão teórica sobre a especificidade dos movimentos sociais que atuam em relação com a internet é fundamental para adequarmos a nosso objeto de estudo. Veremos que o site do Bairro Ellery não se trata de uma expressão de mobilização de grande fluxo na rede e, conseqüentemente, não conta com apoios de outros grupos atuantes no espaço da internet. Porém, veremos que o movimento popular do Bairro Ellery constrói um site e situa-se numa dimensão de exploração menor dos recursos desse meio tecnológico, possivelmente também por seu lugar num contexto de exclusão digital ou de realidade em que a cultura digital ainda está em formação, além de refletir também um cenário social em que uma interação entre os diversos grupos em torno de



questões mais gerais de justiça social e direitos humanos parecem não está bem definidas. Desse modo, se unem às duas reflexões colocadas inicialmente nesse texto: o tema da exclusão digital e as características dos movimentos sociais do século XXI que usam a rede em intercâmbios com outros movimentos de apoio às suas articulações. Supomos que o site do Bairro Ellery não utiliza a internet com as características de mobilização apresentadas por Castels (2003) em cadeia de manifestações com outros seguimentos, e, certamente, isso ocorre porque existe um contexto de exclusão digital maior na realidade da organização popular do Bairro Ellery ou de bairros de periferia em geral. Outro fator relevante que aparecerá na pesquisa será a construção lenta de uma compreensão do uso da internet como mídia capaz de integrar grupos em torno de lutas comuns. Isso ocorrerá porque de alguma forma o movimento popular não percebe ainda a necessidade de se unir em torno de lutas mais amplas por direitos humanos e justiça social. Embora já encontremos no site grandes temáticas como a ecologia e a violência urbana, estas ainda são tratadas a partir de problemáticas locais. Porém, essa exclusão digital ou contexto mais específico de participação na sociedade em rede, não impede que os movimentos sociais de caráter mais excluído fiquem de fora desse processo.

### **A Cultura Digital dos Comunicadores Populares**

Nesse ponto do artigo vamos evidenciar e analisar em primeiro lugar a fala dos colaboradores que fazem a manutenção do conteúdo desse espaço eletrônico e, posteriormente, analisar a expressão de algumas lideranças que acompanham o site. O primeiro grupo de entrevistados nos revelará um melhor conhecimento da internet, porém, mesmo nesse grupo, perceberemos as diferentes formas em que se apresentam as dificuldades encontradas no uso dessa tecnologia.

O principal articulador do site do Bairro Ellery, Aguinaldo Aguiar é ex-morador do bairro, no entanto, mantém com esse uma relação intensa através de diversas atividades do movimento popular. Na verdade, Aguinaldo José Aguiar ainda tem uma ligação com o bairro, pois sua mãe e alguns irmãos ainda moram nessa comunidade. Aguinaldo mora no Presidente Kenedy, bairro vizinho com sua mulher e três filhos. Essa liderança expressa um interesse quase natural pelo computador desde 1995 quando se aproximou dessa máquina pela primeira vez. Entretanto, até hoje, Aguinaldo Aguiar não tem computador em Casa e só utiliza essa tecnologia no trabalho, na casa da mãe ou em Lan Houses. A partir de sua reflexão e capacidade de envolver as pessoas nas ações



do movimento popular, surgirá em 2006 o sitio do Bairro Ellery como a liderança prefere chamar.

A idéia de criar o site surge com Aguinaldo, mas o processo técnico de elaboração dessa mídia não poderia ser elaborada por Ele, tendo em vista seu conhecimento técnico limitado.

O site surge não do meu conhecimento das tecnologias, nem do meu domínio porque ainda hoje eu tenho dificuldade. Surge mais de uma preocupação de que a gente tem que entrar nessa área, a gente não pode tá excluído, mas eu ainda hoje não domino, por exemplo, eu não faço programas que seria necessário, não construo web sites, eu avancei muito, uma coisa que eu trabalho muito é com imagens.(Aguinaldo Aguiar, entrevista, 2008).

Observamos que Aguinaldo Aguiar tem uma compreensão intensa da internet e também a percebe como mídia popular. Esse é um conhecimento que, certamente, influenciará o surgimento do site no dia 20 de janeiro de 2006. Através de conversas o líder comunitário chega até Daniel, Almeida, webdesiner que mora no bairro e detém esse conhecimento. Embora não conheça os processos de organização da comunidade. Daniel foi o criador técnico do site e Aguinaldo o idealizador dessa mídia de comunicação popular virtual. Integraram-se, com essas duas pessoas, os conhecimentos necessários para o surgimento do site: o domínio da tecnologia e a compreensão mais social do meio eletrônico como mídia articuladora de idéias e de lutas sociais para os grupos mobilizados.

Além de Aguinaldo Aguiar, conforme citamos antes, outras pessoas situam-se na condição de colaboradores e mantenedores do conteúdo do site. Clarice Araújo, universitária e uma das colaboradoras destaca que pertence a uma família de maior poder aquisitivo, domina algumas ferramentas como o Word, Excel, usa bem a internet, tem três e-mails e usa o MSN, porém não consegue inserir as matérias na mídia eletrônica, ela depende de Aguinaldo ou Raul para realizar essa função. Dos quatro colaboradores mais efetivos ( Aguinaldo Aguiar , Raul Campos , Clarice Araújo e Tobias Marques Sampaio), apenas Clarice não realiza essa tarefa. Isso significa que desde a criação do site, quando Daniel Almeida era o único a realizar essa tarefa, já ocorreu o aprendizado dessa função por três dos quatro colaboradores principais. Clarice Araújo fala de seu desconhecimento para a execução dessa atividade:



Eu sei bem usar alguns programas. A Internet eu sei mexer bem, o Word, o Excel, pronto (...) Pra manutenção diária do site, eu não sei de nada. Primeiro porque eu não tenho nenhuma formação na área. O site até me despertou um pouco de curiosidade. Eu sei mexer em computador o básico pra sobreviver, tenho acesso aqui, no centro Socorro Abreu e na faculdade. (Clarice Araújo, entrevista, 2008).

Tobias faz o mesmo comentário, e também revela seu nível de relação com essa tecnologia.

Eu aprendi até a colocar minhas crônicas no site. O Aguinaldo veio aqui e disse: Tobias eu acho que com um mês tu aprende, aí ele veio aqui e eu disse no começo vai ser difícil. Aí eu botei uma ou duas vezes ele me ajudando, hoje eu coloco sozinho. (...) Essa semana eu tava fazendo um blog, mas não saiu não, tá meio emperrado, a gente que começa muito tarde (...) Com o computador e a internet de forma geral eu faço duas coisas o Word e a internet, o Word pra mim tá ótimo. (Tobias Sampaio, entrevista, 2008).

Para Aguinaldo Aguiar o uso da internet como mídia popular requer dois tipos de conhecimentos diferenciados, o técnico e a produção de conhecimento social e cultural. Esses devem existir ligados aos processos de mobilização social. Desse modo, percebemos que Daniel teria mais o conhecimento técnico e pouco participa das reflexões ideológicas sobre a democratização dos meios de comunicação conforme destaca Aguinaldo Aguiar:

Quando eu digo o Daniel é estratégico, mas ele não vai além, ele não percebe que o sítio tem que está dentro de um projeto maior de contribuir para democratização, pra provocar. Eu tenho parte dessa preocupação, mas não tenho domínio da tecnologia e tenho uma dificuldade pra parte técnica. (Aguinaldo Aguiar, entrevista, 2008).

A partir do processo de entrevistas com os colaboradores do site, percebemos que o principal entrave para a expansão deste veículo não é somente o nível de exclusão digital presente na realidade desses movimentos sociais populares, atuantes na periferia do Brasil. Existe uma conexão de fatores como o conhecimento técnico e a existência de uma certa cultura individualista dos movimentos, presas a nichos de poder que impede um maior intercâmbio dos grupos mobilizados na internet.

O conhecimento técnico impossibilita uma maior intervenção e aproximação das lideranças com o site enquanto ferramenta de mídia popular. Essa exclusão parcial não impede, no entanto, a discussão sobre o uso da internet e a percepção da importância do site como meio de elevação da auto-imagem, nem tão pouco a compreensão desse portal



como mídia popular de mobilização comunitária. “*O site é um link para a valorização do bairro porque quando aparece uma coisa dentro da comunidade ele divulga*” (Fernando Barbosa, presidente da Associação Comunitária do Bairro Ellery, entrevista, 2008),

Nossa observação constata a exclusão digital também na realidade das pessoas que atuam no movimento popular e acompanham o site. Para Aguinaldo Aguiar, as pessoas do movimento social são importantes para o debate dos meios de comunicação, mas vivem um processo de exclusão digital.

As principais pessoas da associação, não usam, não têm e-mail. Elas não têm e-mail porque não têm necessidade de ter. A vida delas não pede que elas tenham. Fiulano de tal acha que não precisa ter e isso é eu que vou dizer que ele tem que ter. A vida dele não necessita disso e eu acho isso importante. Eu acho isso um problema e o sítio. Mas essa pessoa é importante no debate. (Aguinaldo Aguiar, entrevista, 2008).

A comprovação dessa realidade pode ser percebida nos seguintes comentários:

Eu ainda tô muito no saudosismo, ainda não to muito afinado com essa questão da internet não. Eu acho interessante, mas é porque eu sou um pouco preguiçoso também. E só quando eu tenho assim uma curiosidade por determinadas matérias ou por determinadas coisas que devam está passando no site, aí é que eu acesso, que eu tento que eu teço comentário, eu sou muito preguiçoso (...) Cada dia surge um programa novo, agora eu tô com uma dificuldade danada sobre um programa ai, o Nero mais avançado, Não consegui nem dá um passo em cima, Inclusive eu ainda tô no disquete. (Fernando Barbosa, presidente da associação Comunitária, entrevista, 2008).

Peço pra alguém acessar por que eu não sei acessar (..) Aqui em casa não tem computador, eu sei que eu trabalho numa escola pública e lá tem uns 10 computadores, mas eu nunca fui mexer nas coisas dos outros. Como eu trabalho na direção e as pessoas sempre chamam a gente eu acabo dando prioridade a outras coisas. ( Ritinha, esposa de Aguinaldo ex-apresentadora do programa Letra por Letra na Rádio Mandacaru FM, entrevista, 2008).

Apesar de a exclusão digital centralizar a manutenção do site em quatro pessoas, essa dimensão não retira o espaço eletrônico do seu valor educativo, e mobilizador para a comunidade. Essa reflexão não está em questão nesse artigo e já foi comprovada em investigações anteriores (Oliveira & Ferreira, 2007; 2008). A questão central a se destacar é que, a produção do site pelo movimento popular dessa comunidade, enfrentará a problemática da exclusão digital, revelando que esse fenômeno é vivenciado nas periferias das grandes cidades de forma diversa e desigual. Porém, a



exclusão digital não implica em demarcar que as pessoas não estão interessadas em debater questões relativas ao uso da internet. Os entrevistados falaram criticamente sobre essa tecnologia.

Na realidade, todo mundo tem acesso, todo canto tem Lan House, aqui no Bairro Ellery é barato. Agora, na realidade, a minha preocupação é como 'que esses jovens e essas crianças estão inseridos dentro da internet, será que realmente eles sabem fazer uma pesquisa? Será que realmente eles sabem usar essa ferramenta da internet como modo de aprendizagem e um modo de evoluir na sua educação? Ou é só para site de relacionamento pra conversas que não levam a nada, pra trazer amizades que às vezes é um perigo virtual que se torna real? (Fernando Barbosa, Entrevista, 2008).

A pesquisa revela que, não será apenas o conhecimento técnico que proporcionará uma integração no uso da rede. Uma utilização mais interativa, através de intercâmbios ou apoios globais requer a ampliação da cultura dos movimentos sociais para uma visão mais coletiva e ampliada para além da questão de lutas por nichos de poder, como também uma superação de contextos de exclusão digital e domínio dessa tecnologia.

Se você tem as idéias, se você acha que isso aqui é estratégico ou se você quer há vinte anos lutar só pela lama da rua, pelo telefone comunitário e você já resolveu esse problema, mas você quer coisas muito pequenas, então isso é a barreira principal. Se você não tem objetivos, a longo e médio prazo pra esses movimentos, você pode até dominar a tecnologias, eu vejo muitas crianças e jovens dominando, eu considero muito importante, mas se você fica só aí, se você não tem objetivos enquanto indivíduo e enquanto coletivo, não vai resolver nada. (Aguinaldo Aguiar, entrevista, 2008).

### **Referencias Bibliográficas**

CASTELS, MANOEL, **A Sociedade em Rede (A era da Informação, economia, sociedade e cultura, vol. 1)**. São Paulo, Paz e Terra, 1999.

\_\_\_\_\_. **A Galáxia da Internet: Reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade**. Jorge Zahar Editor, 2003.

DAVIS, Natalie Zenon. **Culturas do Povo: sociedade e cultura no início da França moderna**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990.

DOWNING, John D. H. **Mídia Radical, rebeldia nas comunicações e movimentos sociais**. São Paulo, Editora SENAC, 2002.



OLIVEIRA, Catarina Tereza Farias de Oliveira. **Escuta Sonora: Recepção e Cultura Popular nas Ondas das Rádios Comunitárias**. Rio de Janeiro, editora E-papers, 2007.

OLIVEIRA, Catarina Tereza Farias de & FERREIRA, Zoraia Nunes Dutra. **Os Movimentos Sociais na Rede: Usos e Estratégias Comunicativas**.

Disponível em: <http://www.comunicacaoempresarial.com.br/revista/05/artigos.asp>

OLIVEIRA, Catarina Tereza Farias de & FERREIRA, Zoraia Nunes Dutra. **Os Movimentos Sociais na Rede: Produção de Notícia e Valorização de Sujeitos**.

Disponível em: [http://www.eca.usp.br/pjbr/arquivos/artigos9\\_b.htm](http://www.eca.usp.br/pjbr/arquivos/artigos9_b.htm)

SORJ, Bernardo. **Brasil@.com, A Luta contra a Desigualdade na Sociedade da Informação**.

Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003.

<http://www.bairroellery.com.br>